

Explosão de sentidos, desejos e recalques

*Uma resenha de Ivan Messias**

Os capítulos da obra Διασπορά encerram suas narrativas como se as iniciassem. São frases introdutórias no final do capítulo, mas que perfeitamente seriam encaixadas no momento inicial do episódio.

Grande parte dos capítulos termina começando; parecem estar fragmentados, já que compõem núcleos narrativos independentes.

Mesmo o Prólogo aparentemente ingênuo pode ter parágrafos cortados, copiados, encaixados em outros diferentes parágrafos dos demais capítulos, encaixados conforme as exigências de cada ambiente, fato e conflito.

O narrador faz ciência narrativa mostrando descrições históricas de suas pesquisas e conexões entre personagens. Se a teia dramática é simples e plana, se o tempo de tensão nas interrelações pessoais é breve, a pesquisa histórico-argumentativa é densa. Longa é a didática iconoclasta.

O objetivo da narrativa é conceder maior tempo ao leitor para evitar paixões, para evitar digressões das tradicionais fórmulas de panoramas já gastos como “O dia era manhã cinza e arranha-céus” ou “Aquele jardim onde pássaros cantavam.” Em vez disso, os coloquialismos e onomatopéias testemunham o rigor da observação do cotidiano, da atenção à cultura e aos rituais contemporâneos.

A observação aponta manobras psíquicas antiquíssimas, as quais são lançadas na iminência de disputas infinitas por várias motivações.

Cada capítulo mostra diferentes núcleos temáticos, tempo, espaço, interesses diversos, cujos aspectos espaço-tempo requerem atores centrais que correspondam ao sopro do local e do momento vivenciado por cada personagem.

Há inúmeros protagonistas com peculiar responsabilidade por suas ações.

É um projeto previamente delineado. Antevisão do cenário, início, meio e fim existem para alguns personagens, não para todos.

A clássica receita do início-meio-fim é intencionalmente rejeitada para a adoção de início, meio, fim-começo como num círculo no qual são negligenciados o resultado esperado e a resposta para a trama.

A trama não tem solução; isso desencanta a expectativa do(a) leitor(a), ávido(a) por resposta e final regular. O tempo é responsável pelo final do texto, mas a trama continua fora das páginas. Por isso não há respostas, o tempo continua fora da ansiedade racional do leitor e fora da diáspora.

Quem imagina como tudo deveria acabar está destituído de soberania e projeto para a diáspora externa à diáspora textual. Com a extinção do fim acabado, introduz-se o fim indesejado e, com ele, o incremento da ânsia do leitor, o desejo de imergir no texto e modificar a narrativa intencionalmente incompleta.

O juízo de valor depende mais do observador que do escritor-narrador.

O cenário migra de um bairro economicamente empobrecido na Bahia para São Paulo, para montanhas quem sabe sagradas no Peru.

A teia relacional é composta pelas atividades no movimento negro baiano, pelas eleições municipais na cidade de Salvador. Paralelo ao ser político, ritualístico e racional, o autor opta por relatar as explosões dos sentidos, desejos e recalques.

O humor narrativo não é gratuito, mas malicioso. Não é a cultura do riso o que se quer, senão o fazer rir esmurrando o baço.

O elogio não é gratuito, mas um riso pensando expor o tendão deficiente, almejando transpor a fase velha, a fase gasta dos saberes, das ações. O método em Διασπορά é o da exposição em prol da transposição – é humor e projeto.

Vislumbram-se alternativas, sem que sejam apresentadas ao leitor, para que ele construa mentalmente os novos caminhos pós-fase de fogo risonho que destroi as certezas das ideologias estagnadas seja pelo afrocentrismo, seja pelo democratismo absoluto euro-racialista, seja pelo feminismo plástico-artificial.

Διασπορά apresenta um narrador engajado mais com os horizontes cruzados a percorrer que com a verdade das tribos de concreto dos grupos social e politicamente constituídos. Por isso, o narrador ri de clichês dos grupos sócio-políticos, da religiosidade, da importância de modelos – acessórios artificiais que se dispersam do núcleo da questão: a luta pelos poderes, pela organização política.

O autor sonda, de modo amoral, as limitações e contradições das lideranças políticas, dos homens públicos, empresários, pessoas comuns - ninguém está imune à sondagem; **Διασπορά** se incumbe de singrar as estratégias recheadas de intenções meritocráticas e humanitárias; desdenha da velha política disfarçada de revolucionária e neodemocrática.

A constituição do cotidiano e do Estado, a variedade da sexualidade instável, as transições do desejo e perspectivas pessoais, a similaridade entre pequeno e grande poder.

Essa é trajetória da diáspora Brasil de povos vários, em trajetos cruzados para compor a nova civilização de antigos hábitos.

(*) Ivan Messias tem mestrado em Cultura e Sociedade pelo Pós-Cultura da UFBA, com projeto sobre a influência do hip-hop na educação não-formal. Tem formação em Filosofia e em Letras com Inglês. A presente resenha é de janeiro de 2011.